1.º ANO 1.ª SÉRIE N.º 7

Semanário humorístico e literário

Propriedade da Emprêsa do PARDAL

Director e editor: Luís Teixeira Jacinto — Administrador: António Dantas

Redacção: Campo da Misericórdia, 13
Administração: Rua de Paio Galvão, 70

Composto e impresso nas oficinas da Tipografia Minerva Vimaranense

Guimarães, 14 de Maio de 1916

CADA CABEÇA CADA SENTENÇA

Isto é a coisa mais reinadia que eu conheço!

São capazes de não acreditarem...

O nosso collega cá do burgo o "*Comércio de Guimarães*„ atirou uma *traulitada* ao Ilustre Censor.

Nós achamos feio... feiíssimo... então o camaradinha ignora o adágio, que me serve de epígrafe? Tem graça!...

Pois olhe... eu tenho visto réus sairem livres do tribunal, isto é: mais livres do que uma andorinha. Sem custas, nem penas... nem penas, nem custas.

Como tenho visto alguns irem bater com os óssos à cadeia, que é mesmo um gôsto vê-los.

E sabe onde está o X da equação? Está na cabeça.

Uns veem a coisa por um prisma; outros por outro.

Quer um exêmplo frisante?...

Aí vai:

Um maduro, que em crime já era muito conhecido, respondeu a uma polícia correccional, apanhando a taluda de um ano de prisão e multa de sessenta dias a vinte centavos por dia.

Mais tarde, por idêntico crime (pois êle já era herdeiro e vezeiro) apanhou apenas a absolvição. E' caso para se dizer: **O' mestre onde está o gato?**

Na lei?

No advogado?

No Juiz?

Por isso, camaradinha, não se impressione com os cortes no artigo do *Camacho*, pelo facto de o nosso Censor lhe ter cortado, o que enfim julgou de necessidade.

Houve alguêm que o deixou publicar? Houve, de facto...

Mas que culpa tem o nosso Censor que Pedro ou Paulo se vão afogar ao rio Selho?

Nenhuma, absolutamente nenhuma.

Já vê que a questão é só de prismas. Uns vêem pela frente, outros veem por traz. Aqui a gente tem que aguentar e cara alegre.

Nós até nos sorriu a alma, quando abrimos o número seis do nosso pequeno "Pardal„ e damos com os olhos no branco.

Não calcula o prazer que sentimos. E sabe porquê?

Porque nós somos incapazes de darmos a nossa *estropiadela* em alguêm, sem que tenhamos as nossas razões.

Estamos seguros, seguríssimos que sempre que escrevemos aqui, é só ao lado da razão e da justiça.

São verdades... puras verdades..., mas o Censor acha-as amargas e zás, corta. Pois tenha a certeza que nós não dizemos metade do que em tempos ominosos se dizia.

Vi há dias na Sociedade Martins Sarmento o **«Charivari»**... oh! pai da vida!! aquilo é pancada que te parte—claro é, nos monárquicos—apregoando-se Liberdade... Ela chegou... E isto cá para nós que ninguêm nos ouve... Onde é que ela está que eu ainda não fui capaz de a ver?

O colega não me dirá?

E lembrar-me eu, que ainda hei-de chegar a socialista...

Pardal.

O Pardal na depenicadela

Termina assim o sr. Alpoim uma carta sua: *A defeza da Pátria, do nosso solo, da nossa bandeira, quando ultrajada, acima de tudo!*

Assim escreve e assim pensa. Tanto assim é que os seus serviços já os ofereceu ao ministro da guerra... e até hoje ainda ninguêm mais seguiu o seu exemplo, embora os patrioteiros abundem. Conclui o sr. A.: *Sempre aqui o escrevi.*

Deus, Pratia e Liberdade.

E' verdade que sempre assim escreveu.

Antigamente escrevia: Deus, Pátria, e... cala-te boca que podes apanhar censura.

Hoje, como os tempos mudaram o sr. A. continua a escrever: Deus, Pátria e... devia dizer Batatas, porque da Liberdade já se abusa e das batatas não se pode abusar... porque estão por bom preço.

*
* *

Mais 150 bravos das imorredouras sarrafuscas de Lisboa pedem ao govêrno empregos públicos.

E' armá-los, equipá-los, ensiná-los e mandá-los p'ra França.

E depois aí vai disto meu general: um pequeno exército de heróis.

...Os outros vão depois.

*
* *

Dizem os jornais do Pôrto:— *Esta noite, o automóvel que conduzia o sr. Afonso C. esbarrou-se com o automóvel dos presôs, resultando do embate sofrer avárias o automóvel do sr. ministro.*

E' um ministro achacadíssimo a incidentes!

*
* *

Em virtude do temporal que hoje caiu sobre a cidade, afundou-se no Tejo, com um carregamento de cerca de 700 sacos de trigo, uma fragata que se encontrava atracada ao cais, no Beato.

Outra que vinha de Alcochete com carneiros também sossobrou, salvando-se apenas a tripulação.

A carneirada lá se foi!

Tudo conspira contra nós.

Estamos sentenciados a morrer à fome.

Triste sina.

*
* *

Descobriu-se que alguns oficiais do exército eram sócios, em Lisboa, do club alemão.

Verdun com êles para que isto fique no são.

O De Aveiro, jornal donde respigamos a notícia, noutra local diz: Sem fuzilarem meia dúzia de germanófilos Portuguêses não fazem nada. Com traidores não pode haver contemplação.

Está bravíssimo o sr. Homem Cristo (pai.)

Malha nos traidores e nos monárquicos como quem malha em centeio verde.

Mas se a tal coisa é boa, se é remédio...

*
* *

Pediram ao *Mundo* para que êle intercedesse junto do govêrno para nomear padres e capelães para desempenharem serviço religioso nos regimentos que partirem a combater...

Olha a que porta êles foram bater!... Dessa nos livraremos nós, diz êle como resposta. De questões religiosas estamos nós fartos.

Isso sabemos nós. Quando deram proveito... Agora... fugir dêles. Nem de graça os querem. O *Mundo* é um santo!

*
* *

Só sonhas em bachareis
Nos teus sonhos côr de mel;
Mas criança, um bacharel
Não chega a valer dez reis!...

(Da *G. da F.*)

*
* *

O povo de Berlim amotina-se ao grito de paz e pão.

(Dos jornais).

Eis-me no meio dos *bóches*,
A contas co'as *alamóas*,
Eles parecem fantoches
E elas são pouco bôas.

Sofri cruel desengano,
—Adeus fagueira [illegible]!—
Antes pobre [illegible] Lusitano
De que rico e *alemão*.

Há cá fartura de *pratos*,
Onde se póde escolher;
Porêm, géneros baratos?...
Nem caros há p'ra comer.

Portanto volto ao *derriço*,
A' Pátria vou regressar;
Pois sem pão e mais *serviço*
Ninguêm se póde aguentar.

Paz e pão!—grito geral—
Que os ouvidos sempre atacam;
Antes o pão integral
De que aqui o pão de K-K.

Berlim. JACO.

O Pardal em ceara alheia

Graça doutros

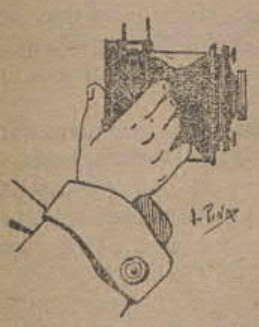
(Imitações do espanhol)

I

—¿Haverá maior tortura
Quando exista um fundo amor
Do que ocultar a ternura?
—Essa é boa! Há sim senhor!...
Aturar dum revisteiro,
Dêsses de talento falho,
A leitura por inteiro,
Do seu primeiro trabalho!

Pôrto.

EDURISA.



Em Foco

A Beleza e a Simpatia encontraram na nossa distinta perfilada um porto de abrigo bonançoso e divino.

Um dos predicados que mais a caracteriza, é, sem dúvida, a bondade do seu coração.

Sempre a brincar-lhe um terno e meigo sorriso nos seus lábios de carmim, mimosos como pétalas de rosas desfolhadas, que se deixam afagar pelos castos e ardentes beijos dos sol.

Os seus olhos, dum preto retinto e fascinador, são como duas estrelas rutilantes, que lá do alto, num vislumbre de luz, veem iluminar a terra, servindo assim de guia aos que, envoltos no manto diáfano da ilusão, trilham a vertiginosa estrada do amor.

Há um não sei quê de místico no seu olhar tam puro e sacrosanto, que parece envolver de paixão, o coração de quem, num relance apenas, é atingido por um raio coruscante da sua luz tam viva e aurifulgente.

Aquele cabelo dum castanho escuro, em formosos caracóis levemente caídos sôbre a testa, emmoldorando-lhe as faces meigas e setinosas num amplexo de candura, dá-lhe uma expressão bélica e encantadora!

Um buçosinho servindo de adorno aos seus lábios delicados, imprime-lhe uma graça estonteante naquele rosto impregnado de beleza.

Sempre amável e risonha quando, com o carinho que lhe divinizа a alma, se vai sentar alegremente ao piano, deslizando sôbre o fino teclado de marfim, as suas niveas e pequeninas mãos de fada.

Com que suavidade e enlevo a sua voz vibrante e maviosa se levanta, para cantar ao som harmonioso dêsse adorável instrumento das salas, os sublimes fados de «*Maria Vitória*»!

. . . . . .

No último andar da sua linda habitação, que se encontra situada num dos principais latgos desta nobre cidade que lhe serviu de berço, vêmo-la amiudadas vezes sentada à varanda preocupada no seu trabalho doméstico.

O seu viver sempre feliz e jovial, é, indubitavelmente, a alegria daquela casa.

Durante a sua prolongada permanência na capital dêste *Jardim da Europa à beira mar plantado*, parecia que a tristeza havia invadido, com a sua garra atroz e funérea, aquela vivenda hoje novamente dominada pela felicidade do lar!

Como *Madalena* prostrada aos pés de Jesus, assim eu me coloco reverente, ante essa insigne Estátua de Beleza que hoje vem honrar as modesta colunas do *Pardal*, solicitando, com o maximo respeito, o perdão por tam instinta ousadia.

Guimarães, Maio de 1917.

PARAÍSO.

A banda regimental de infantaria 20 vai no domingo abrilhantar uma festa patriótica que se realiza nas Caldas das Taipas.

O Pardal para Mademoiselles

Flores; como são belas,
As lindas flores que eu colhi,
No meio de todas elas
Vão mil beijos para ti.

* * *

A Fé é a salvação da nossa alma, a Esperança o iman da vida e a Caridade o hino do Amor.

* * *

O Amor é um fluido que nos invade o ser apodera-se do nosso espírito, traz-nos ilusões fantásticas, e depois... Não sei; mas penso que nos conduz ao paraiso.

* * *

A Esperança é o refrigério da dôr. Muitas vezes quando os nossos corações sofrem as agruras crueis de uma separação, eis que surge a benfazeja Esperança, espancando a densa treva de amarguras, para nos transpor aos arraiais de uma vida futura, envolta numa clâmide de flavas ilusões.

* * *

A *saudade* só por si exprime a intensidade da mágua que nos causa a ausência.

* * *

Ciumes! Quem haverá neste mundo que não os oculte dentro do seu coração!

Quási sempre o passado os envolve e nos faz sofrer, colocando-nos muitas vezes merencório.

* * *

Quando se ama uma pessoa ausente, o amor é vivificado por uma constante saudade, que nos consola a todo o momento; outras vezes faz-nos criar dentro de nosso coração constantes amarguras.

UMA CARTA HUMORÍSTICA

Um dia dêstes visitou pela primeira vez o gabinete da Sociedade M. S., pela amabilidade e conveniência do solícito correspondente desta cidade naturalmente, um novo hospede: *A Fôlha de Viana*.

O zeloso empregado do dito gabinete, depois de lhe ter amarfalhado... a cinta, estirou-o comodamente em lugar apropriado e escolhido, onde devia permanecer inalterável às rápidas olhadelas dos freqùentadores.

Muito naturalmente, nós pegamos no novo hóspede e dispensamos-lhe alguns momentos de cavalheiresca atenção. E' assim o nosso feitio, que nos ficou duma sã educação.

A primeira página vem prenhe de patriotismo: Brasil-Portugal—Viva Portugal—Portugal no Estranejiro—Heróis.

Na local herói diz: *Todos o são mas é cá de longe; em lhes cheirando a pólvora tudo se quer esquivar.*

Boa! O cheiro da pólvora é coisinha que estonteia.

Livra!

Uns querem ir para a Cruz Vermelha, outros para a pesca do bacalhau, (isto é graça) *e até os bombeiros pediram* (naturalmente os de Viana) *à Câmara para serem excluídos da mobilização.*

São homens de bombas e são valentes como as armas!

Ainda a procissão não saiu, e já as cólicas fazem seus estragos.

Na segunda página o que nos feriu rápidamente a retina foi a correspondência de Guimarães.

Não podemos furtar-nos ao desejo de a transcrever. E' grande mas vamos resumil-a.

«Queria dar-nos, o solicito, (e deu qualquer coisa) uma notícia detalhada sôbre os assuntos que interessam a beleza desta terra, mas foi-lhe impossível (o que impossível era) obter dos membros da Sociedade M. S. a mais pequena informação.

Suprimimos um período.

Que é digna do seu louvor uma Sociedade que cuida da nossa terra a ponto de os dignos membros que enchem tôdas as salas não descansarem um momento, nem para comer ou dormir.

O que transpira cá fora, mas não pode garantir, é que a ilustre Sociedade resolveu mandar rebocar e caiar o Castelo.

Que mais resolveu, a exemplo de outra Câmara, mandar deitar abaixo a capela de D. Afonso Henriques, a fim de melhorar as condições acústicas (acústicas?!) da parada do quartel.

Felicita a Sociedade que tam cuidadosamente guarda da vista dos estranhos curiosos alguma relíquia do passado. (Aqui é que bate o ponto).

E diz também que se projecta uma apoteose para quando se encerrar a sessão, o que vem a acontecer lá para... o outro século.»

E secolorio amem! Salvo o latim.

E mais nada, seu correspondente duma figa?

Não lhe passou pela mioleira mais nenhuma baboseira digna do seu apoio?

A gente lê e fica mesmo assim... a ver navios. Entanto sempre nos quer parecer, e é o que é certo, que o amigo tentou com um naquinho de humorismo chuchar cá com as tropas.

O amigo (se é que o é) entendeu descarregar, e zás, fez fogo mas não atingiu o alvo.

¿Que culpa tem a Sociedade homem de Deus, lá com os Monumentos Nacionais?

Sempre há cada ratão!...

Ou seja, é uma coisa que lhe pedimos e que não lhe deve custar, mais claro nas suas correspondências, quer dizer, não seja ambíguo, dúbio, ou mude de estilo e forma:—chegou, partiu, pariu, etc... Não estranhe esta palavra,—pariu—pois é tam genuina e verdadeiramente portuguêsa como o solo abençoado que pisamos, mas que é despresada pelos finos e eruditos... estilistas modernos.

Esperamos que em nova carta o amigo seja mais claro, cascando de rijo, sem dó nem piedade, directamente e sem rebuços, em quem merece e nos casos superintende.

Carregue, pois, que tudo isto está a merecer muita pancada.

Desta vez errou o alvo, e muito boa criatura ficou a perceber o mesmo. A nós assim nos ia acontecendo.

O Pardal na secção de carapuças

Andas p'ra aí dizendo a cada passo,
Que tens mundos e fundos a render,
Que uma quinta te dá, só em bagaço,
Mais que aquilo que gastas em comer.

Pois não sei como é, sim, francamente,
Que tu sendo de bens tam abonado,
Tenhas comido toda, toda a gente,
E o dinheiro que arranjas... é roubado.

J. Brejeiro.

Caixa Económica Postal

Recebemos um relatório de contas referente ao ano económico de 1914-1915.

Por êle se pode avaliar o crescimento dos depósitos efectuados por tam prestante caixa.

Ao público que nos lê, recomendamos a **Caixa Económica Postal**, onde com a pequenina quantia de vinte centavos—200 réis—podem os pais arranjar cadernetas a favor dos filhos, depositando pequenas quantias, cujos na sua maioridade, constituirão um dote.

A quem tiver o seu peculiosinho—e há tantos com bom caroço!—lembramos a conveniência de o depositarem.

Recebem bons juros e evitam que os gatunos lhe façam de quando em vez a sua limpesinha.

O Pardal no dicionário

B

Babado—Menino que anda pela beicinha.

Bacalhau—O infiel amigo.

Baco—Deus da carraspana e do pifão.

Badalar—Andar a dar à língua.

Badalo—Aparelho que o sineiro muito admira.

Badiana — Fosfatada do Dr. X.

Baga—Droga para fazer vinho, com auxílio de pau campeche.

Baixa—(Meninada). Criatura que a miúdo nos pisca os olhos.

Bala—Bola que nós não queremos no corpo por preço algum. Nem grátis.

Balança—Fiel companheiro do roubo na mercearia.

Balelas — As notícias da guerra.

Bambochata — Pouca vergonha com mulheres à mistura.

Bandalho—O fol das migas.

Banhar — O que o sr. Brito Camacho não faz, ainda que lhe «arrinquem» os cabelos.

Banheira—Objecto que o Dr. Brito Camacho não pode vêr.

Banqueiro — O que o meu pai me devia ter feito.

Barbada—Cidadã de pelo na venta.

Barbeiro — Cidadão que nos vai à cara a cada momento.

Batalha—*Brincadeira* que nos faz pôr os cabelinhos todos no ar.

Batata—Farinaceo que nos custa os olhos da cara.

Bateeu—Viracu.

Beata—Mulher que depois de vir da egreja vai tratar da vida alheia.

DR. XABREGAS.

—A's ar á á á á á... mas!!!
A sentinela gritou.
Diz o cabo p'ró soldado:
—A's armas? mas quem passou?

—Quem passou? eu já lh'o digo,
Meu rico cabo amigo:

Nem era o nosso sargento
Cá do nosso pelotão,
Nem tenente, nem *manjor*,
Nem c'ronel, nem capitão.

—O'messa! antão a quem foi?
Já que não nomeias mais...
—Ora vou-lhe já dizer:
Foi ao *sór* alfer's Morais.

Repare, ó meu rico cabo:
Lá vai, além, e liró:
Bota nova, calça nova,
E um rico *sólipó*.

E' o alferes mais catita,
Mais elegante e bem posto!
E aquele chapéu grande
Dá linda graça ao seu rosto.

E' bom sujeito sem dúvida,
Boa alma e coração.
Ah! que se assim fôsse igual
Do comando o capitão!!

(no interior tocam as cornetas)

O' meu cabo... está tocando
Lá na nossa companhia:
E' pró rancho, quem m'o dera!
Tenho a barriga vasia!

(cantarolando:)

Ai! ai! ai!
Oh que tremendo sarilho
Ai! ai! ai!
P'ró que uma mãe c'ria um filho!

Óscar Diniz.

Gemidos da nossa lira

Trovas oferecidas ao nosso poético povo

(Cancioneiro para violas e instrumentos de corda e palheta: para instrumentos também de peles e ferrinhos: para dar a afinação precisa o cantador ou cantadeira tem de cantar, sentimentalmente, senão... lá se vai a festa... Clave de sol: tom menor...)

XXV

Não vás p'ra a beira do rio,
Que o teu pésinho escorrega;
A vergonha é uma doença
Que nem a todos se apega.

XXVI

Eu bem sei, no que me dizes,
Que me faltas à verdade;
Nunca o vaidoso perdoa
Que lhe toquem na vaidade.

XXVII

De andar a trás da fortuna
Já 'stou farto de correr;
Como o porco, há muita gente
Que só vive p'ra comer.

XXVIII

Tenho pena de quem morre
Com desespero d'amores;
E' da massa dos patetas
Que se faz comendadores.

João Brejeiro.

O Pardal pelo Pevidêm

Ele sempre aparece cada uma!

Aí vai esta que não é nada má depois de se lhe tirar o caroço.

Aí p'ra baixo p'ró Pevidêm, houve um cidadão que encomendou um par de botas de borracha a um sapateiro cá do burgo.

Vai o figurão e zás toca a trabalhar para receber o respectivo caroço do produto do seu trabalho. Mas eis senão quando aplica no respectivo par de botas, umas borrachas que pertenciam a outro cidadão que tinha feito igual encomenda.

O primeiro, ignorando do que se passava, logo que apanhou as botas novas, enfiou-as nos pés, e «estás a ver» aquilo diz que parecia mesmo uma luva.

Claro está, botas novas numa terra pequena, são logo sete pontos de espantação.

Daí o espanto também do segundo que... olhou, viu e sorriu, dizendo para com os seus botões: «Estás aqui, estás sem as botas». E se bem o disse bem o fez.

Vem a calcantes por aí acima, e apresenta queixa na Administração dizendo que a borracha era dele.

O homem das botas pretas, por sua vez, tendo sido intimado, aí vem também feito um figurão. Chegado lá, descalça as botas—(imaginem se êle trazia as meias rôtas) e trata-se enfim de procurar o X ao problema. Depois de várias razões dum lado e doutro, lá leva o segundo o par das botas ficando o primeiro descalço.

Ora êste não é bem aquele ditado: — «Quem o alheio veste na praça o despe.»—Aqui existe apenas a culpa do sapateiro que em tam má hora tomou conta do recado e não do proprietário das botas que se não arranja quem lhe empreste outras bem ia com os pés à mostra que nem um lírio.

De maneira que o sapateiro ri da partida; o segundo de contentamento por levar as botas para casa e o que devia ser o legítimo dono, a estas horas, também há de ter achado piada ao ler esta secção.

Pardal.

O PARDAL NOS PENSAMENTOS E DITOS

Linhos... linhos... e caixeiros muito pequeninos.

T. Abreu.

O milho está-me a dar água pela barba.

A. Madureira.

Fiat lux... e a luz fiou-se.

B. Jordão.

Sou um sovina... Não dou dez réis a ninguêm.

A. P. da Silva.

Que o diga eu...

Tomaz.

Domingo a música sempre tocou... Já não era sem tempo.

Soares.

Tenho a mania de dizer mal de tudo.

A. Sousa.

Os rapazes dão cabo de mim.

Luís Gonzaga.

Vale mais um charuto de trinta réis com cinta, do que uma mulher sem ela.

Amarelho.

Eu sempre sou muito peludo. Dou uma sorte danada e engalinho com tudo.

Viana.

E eu muito gôsto de te fazer arreliar.

Alfredo Vasconcelos.

Sou o maior escritor do seculo XX.

Alfredo Feliz.

Charutos já não fumo... Se me dão, só *Tagus* consumo!

A. Cabanelas.

O Pardal na galeria

Teatro Gil Vicente

Ai que Fita!!

CINE

High-Life—O Submarino 27.

Várias

Faz hoje anos o Ex.mo Sr. Aníbal Coelho das Neves, digníssimo chefe da Estação Telegrafo-Postal desta cidade. Sinceras felicitações.

*

Encontra-se aberta ao público a Farmácia Barbosa.

*

Tem estado bastante doente a esposa do nosso redactor. Auguramos-lhe melhoras e fazemos votos para um breve restabelecimento.

*

Também tem passado algo incomodada a esposa do nosso administrador. Muito estimamos o seu completo restabelecimento.

*

A Juventude Católica de Braga vem brevemente a esta cidade dar um espectáculo no Teatro Afonso Henriques, revertendo o seu produto em favor da Caixa de Socorros dos Estudantes Pobres da mesma Juventude.

*

Recebemos um cartaz anunciador da romaria de S. Torquato, que se realiza no próximo domingo, 21. Haverá feira de gado bovino, arraial, música e uma magestosa procissão.

Correspondência

CAIXA

Cócegas (Fafe)—Sabe que mais... outro ofício; vá cavar batatas. Não há dúvida que a gente o que quer é rir, mas com tais cócegas... livra.

Filósofo (Arcos) - Isso cheira-nos a esturro. Uma das quadras necessita de muleta; dê-lhe mais graça; componha e mande novamente.

Ai minas! (Pôrto)—Você endoideceu... Nós precisamos de todos. Dessa maneira lá ia a mór parte dos nossos assinantes. Isso é febre de mais.

Pirilampo (Braga)—Pirilampos precisava você nos olhos, seu alma do diabo.

Mota (Guimarães)—Sim senhor e então!... Acha perigoso? O senhor com toda a certeza não tinha dormido. Vá dormir...

Barreira (Guimarães) — Perdeu se; favor mandar nova cópia, mas breve; não passe além de quarta-feira.

O PARDAL NO CARNET

Foi promovido a tenente-coronel e nomeado comandante do regimento de infantaria de reserva n.º 20 o major do regimento de infantaria n.º 14, sr. Joaquim de Sá Melo.

*

Tomou posse da escola central feminina a professora ultimamente nomeada pela câmara, D. Luiza Guedes da Fonseca Miranda, regente que foi da escola central feminina de Bragança.

*

Cerca das 5 horas da manhã de terça-feira passada, houve incêndio na fábrica de serração pertentencente à firma Augusto Cunha & C.ª. Requisitados os socorros públicos, compareceram os nossos bombeiros que, com o auxílio de alguns populares, depressa localisaram o incendio.

*

Vai consideravelmente melhor o sr. dr. Alberto Lobo.

*

Fez anos na quinta-feira o sr. Luiz Gonzaga Pereira, director do acreditado Colégio Académico, à rua da República. Parabêns.

O PARDAL CÁ POR CASA

Expediente

Prevenimos os nossos estimados auxiliares que vamos proceder à cobrança da 1.ª série de assinatura de *O Pardal*.

Exígua como é a sua importância, uns míseros 250 réis ominosos ou uns misérrimos 25 centavos luminosos, como queiram, e ao sabor de todos, porque todos são, os que nos pagarem, muito boas pessoas, esperamos que ninguêm deixará devolver os recibos por falta de pagamento, pois que sem êsse *milho* o «Pardal» não poderá viver.

E, convictos como estamos de que ninguêm deixará de comparecer a êste chamamento, aqui deixamos o nosso agrradecimento, esperançados em que não teremos de que nos arrepender por ir à frente.

Ora vamos a ver.

*

Aos nossos colaboradores

A crise de abundância de original, que nos foi enviado para êste número, colocou nos em cólicas, de forma a lastimar que as *penas* não fôssem elásticas para se poder esticar o formato, ou os *bicos* de borracha, para se poder apertar o palramento.

Por êsse motivo pedimos desculpa aos palradores, pois que já fica o *manjar* prontinho a entrar na próxima *bicarada*.

O PARDAL NA SECÇÃO LITERARIA

Flores de Maio

Esse botão de rosa que me deste,
como fôra amor, alma, tudo e nada,
trazia gelo das noites de nevada
no instante em que do peito o desprendeste.

Desde que o acheguei junto de mim,
bem junto ao coração que me queimava,
começou de florir, desabrochava
sob o engano fagueiro dum jardim.

Não passaria de botão além
se o retens nesse peito que não tem
calor preciso p'ra viçar as rosas!...

E, sempre frio, um coração assim
como me aquecerá a vida ao fim
dessas futuras tardes invernosas?!

Maio de 1916. R. E.

AVÉ-MARIA

(No Artur de Freitas)

Avé-Maria *ó mãe dos desgraçados*
A quem a boa-sorte não cobriu...
Que os vossos olhos tristes, magoados,
Vejam aquêles d'onde a luz fugiu!

Foste—virgem!—a mãe cheia de graça
De Deus Nosso Senhor qu'está convosco.
Sêde bendita, *pois,* entre *a desgraça*
Que vos assiste sempre e que é connosco...

A todas as mulher's *levai—ó santa—*
O bâlsamo divino da bondade
Que vos distingue a face sacrosanta...

Bendito seja fructo—*o Bom-Jesus!*
Do vosso ventre—*o pai da humanidade!*
Aquêle que por nós morreu na Cruz!

(Inédito.)

Porto—Janeiro de 1916. NOVAIS TEIXEIRA.

O Pardal no Coração

Ex.ma Senhora:

Depois de muitas e penosas horas de reconciliação comigo mesmo, arreigou-se-me a ideia de lhe escrever outra vez, e tam fixamente, quanto é certo tornar-se-me completamente indispensável fazê-lo.

V. Ex.ª saberá perdoar-me e terá para mim as costumadas indulgências em que sempre tem sido pródigo o seu coração.

De resto, Minha Senhora, V. Ex.ª interpretou diferentemente do meu sentir as minhas pobres palavras e eu tenho todo o interêsse em esclarecer-me, pois de forma alguma foi meu propósito deixar-me uma ligeira impressão que seja de frieza ou indiferença.

Apesar de tôda a sua singeleza não podia a minha carta ser senão a expressão dos mil ardentes desejos que em mim vivem de a ver e saber venturosa.

Exprimir-me ia talvez eu mal mas V. Ex.ª não devia ter então lido sómente as minhas palavras mas sondar seguidamente a sua alma para adivinhar a minha, pois não fôra certamente senão por muito lhe querer, por muito a estremecer que eu lhe desenhára com êsses traços e luz um outro coração bem diferente do meu.

Não me faça a injustiça de crer que fôra motivo para tudo isto uma outra mulher ou porque a não adore já tam ardentemente como outrora!

Não cometa, Minha Senhora, êsse sacrilégio!...

Eu não poderei desvia-la do meu coração por muito que tente, e nele não poderá, com puro amor, viver mais alguém.

A paixão que V. Ex.ª me inspirou não é dessas que nascem num momento de entusiasmo para morrerem dois dias depois, quando se julga ainda ter o coração prenhe de vida.

Veja, pois, Minha Senhora, que não mereço frases dúbias ou reticências equívocas.

Quero crer que me julgue homem de bem, mas no restante tem de reconsiderar que não fôra por cançaso ou excesso de sofrimento que eu me dirigira a V. Ex.ª como o fiz.

Amando-a tam estranha e invulgarmente como sabe que a amo, que deveria eu responder-lhe, para seu socêgo, a frases como as que me dirigiu?!...

Nunca duvidei da Sua sinceridade e outras intenções que não fôssem nobres e dignas jámais sequer pensei adivinhá-las nas palavras que sempre me escrevera.

Outrem, poder-me ia ter ferido no meu orgulho e no meu coração; porêm, sendo V. Ex.ª quem me escrevia assim só me competia abandonar-me ao cruciante sofrimento que o silêncio forçado impõe, e donde apenas saí por muito ter pensado no muito que lhe quero.

Lutei, pois, enquanto pude pela felicidade de ambos, que era a minha, restando-me agora sómente a lua.

Não evite que o meu coração se despedace mas diga-me, pelo menos, o último Adeus!

Todo Seu

JOSÉ.